

Economistas prevêem choque

Por mais que o governo desminta, grande parte dos economistas acha inevitável um novo choque econômico. O quadro econômico, dizem, reúne as pré-condições para isso. O câmbio foi ajustado, com a midi de 30 de setembro, as tarifas públicas estão sendo corrigidas e os preços, liberados, também estão sendo alinhados. Além disso, num quadro de recessão com inflação ascendente, argumentam, restam poucas saídas ao governo para impedir que a situação logo se torne intolerável. Não que eles considerem que o choque vá resolver muita coisa. Mas é o instrumento de emergência que restou ao governo, até que consiga instituir as reformas necessárias.

"A impressão que se tem é de que desta vez estão preparando o choque de forma transparente, para não pegar ninguém de surpresa", avalia Emilio Alfieri, assessor econômico da Associação Comercial de São Paulo. No caso dos preços, segundo ele, aparentemente o governo tem dado ao setor produtivo a chance de fazer os reajustes que considerar necessários para que depois ninguém reclame de ter sido tomado de surpresa. "Produtos que costumam apresentar problemas de abastecimento durante um congelamento, como carne, leite, pão e até automóveis, foram sistematicamente liberados", nota Alfieri.

Para o economista Yoshiaki Nakano, a sociedade não acredita mais que o governo seja capaz de controlar a inflação. "Juntando esse quadro de insegurança política com a recessão e aceleração da inflação, daqui a pouco vamos chegar a uma situação intolerável", prevê. Por isso, Nakano considera inevitável um novo choque. "Se a economia estivesse crescendo, seria relativamente fácil conviver com 20% ou mais: a questão é enfrentar uma taxa dessas com recessão".

Segundo Nakano, o risco de insolvência das empresas passa a ser muito alto. Qualquer dívida pode multiplicar-se em poucos meses, enquanto o faturamento empresarial, com o encolhimento do mercado, dificilmente crescerá na mesma proporção.

"Uma empresa hoje em boa situação pode, em dois ou três meses, caminhar para a insolvência."

Para o presidente da Ordem dos Economistas do Estado de São Paulo, Geraldo Gardenalli, a sensação que o atual quadro econômico transmite ao mercado é de que o governo não tem mais instrumentos para conter a alta da inflação, e, portanto será obrigado a adotar medidas drásticas. "Que vai haver um plano desse tipo não há dúvida, só não se sabe quando, se ainda neste ano ou no início do próximo", diz Gardenalli. No final do ano, segundo ele, a adoção de um choque é tecnicamente complicada. "Mas, se a inflação se acelerar muito, a situação financeira se complicar e o governo não conseguir vender seus títulos, terá de antecipar o choque."

Há, contudo, quem descarta a possibilidade de um novo choque, como Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas no Estado de

São Paulo. "O cenário atual é típico de um choque, mas isso seria uma tolice", afirma. Para ele, o governo tem outros meios para contornar a inflação ou pelo menos torná-la mais tolerável. Uma deles seria liberar um pouco o mercado financeiro, abrindo espaço para a colocação de títulos pós-fixados. Outro seria a volta do overnight. "Essas medidas trariam um certo alívio, porque com uma inflação alta aumentam os riscos do mercado financeiro, e com isso se ganharia tempo até que se adotassem medidas de longo prazo para estabilização da economia", argumenta.

Para reverter as expectativas de um novo congelamento, em que todos apostam hoje, Aroni também acha que o governo poderia criar um grande fato político, como um programa social e uma reforma ministerial. "Isso também não resolverá a crise, mas poderá reverter a expectativa do choque, que acaba realimentando a inflação." (G.C.)

Avaliação da economia

Média das opiniões de economistas sobre pontos específicos da atual política econômica

Política salarial	★★
Juros altos	★★
Taxa cambial	★★★
Controle de preços	★
Reforma tributária de emergência	★★
Ajuste fiscal proposto	★★★

★★★ Funciona
★★ Funciona pouco
★ Não Funciona